



CASA DA CAMARA DE LOVAINA.

LOVAINA, que os francezes chamam Louvain, sobre o Dyle, está 16 milhas inglezas ao nascente da capital da Belgica, Bruxellas. Antigamente foi capital do ducado de Brabante, e então era das maiores, mais ricas e commerciaes cidades dos Paizes-

VOL. V. JUNHO 5. — 1841.

Baixos: o seu negocio principal derivava das numerosas fabricas de pannos de laã, que possuia, e em que se occupavam no seculo decimo-quarto, segundo alguns escrevem, cento e cincoenta mil pessoas; mas este numero parece exorbitante e exagerado.

Em 1382 rebelou-se o povo contra seu príncipe, o duque Venceslau, e lançou os magistrados pelas janellas fóra da casa do municipio; porem foi desbaratado e teve de implorar perdão: os mais culpados foram punidos, e os tecelões, primeiros auctores da revolta, foram desterrados: a maioria delles retirou-se para Inglaterra, onde introduziram a manufactura de lanificios, que tem sido uma das fontes da riqueza daquelle paiz. Desta perda nunca Lovaina se restabeleceu: as suas fabricas de pannos hoje são muito poucas e de pouca importancia: o commercio que principalmente agora faz consiste na manipulação e venda de cerveja, que é muito estimada em todá a Belgica e n'outras partes; diz-se que exporta annualmente 150.000 cascos desta bebida: tem alem disso alguns estabelecimentos que fabricam vinagre, outros de refinar assucar, e algumas tinturarias. A sua população ao presente não chega a 27.000 almas; isto é, apenas a sexta parte do que era ha quinhentos annos.

Outro fundamento da nomeada de Lovaina foi a sua famosa universidade, uma das principaes do continente europeu, fundada em 1426 pelo duque João 4.<sup>o</sup>, com aprovação do papa Martinho 5.<sup>o</sup> Constava de 37 collegios, e floresceu até cahirem os Paizes-Baixos em mãos dos francezes, que a supprimiram em 1793 e converteram o edificio em hospital d'invalidos. Porem em 1817 foi restaurada por um decreto de Guilherme 1.<sup>o</sup>, rei actual da Hollanda e então de todos os Paizes-Baixos: é novamente instituto acreditado, conta 70 professores, e a frequentam de 400 a 500 estudantes. Entre os lentes que a illustraram numeram-se o celebre critico, Justo Lipsio, natural das visinhanças de Bruxellas: a casa em que elle morou em Lovaina ainda está de pé, e se mostra n'uma das ruas principaes; consta de um andar sómente.

A igreja de S. Pedro na praça do mercado desta cidade é dos mais bellos templos da Belgica: e a casa do municipio ou Camara, dada na gravura acima, goza a merecida reputação de ser o mais excellente edificio gothico em todos os Paizes-Baixos: poz-se-lhe a primeira pedra em 1440, e completou-se em dez annos: encerra pinturas d'estimação, e varios aformoseamentos interiores, que lhe fizeram no seculo passado: o exterior foi reparado ha cousa de seis annos com o maior cuidado.

PEDRO NUNES.

(Conclusão.)

O = *Tractado que o Doutor Pero Nunes fez sobre certas duvidas da navegação, dirigido a El Rei nosso senhor* = foi escrito por occasião de varias questões sobre a navegação que entre elle e o famoso Martim Affonso de Sousa se levantaram. Alli declarou Pedro Nunes as principaes duvidas da navegação com as taboas do movimento do sol, sua declinação e o regimento d'altura, assim ao meio dia como nos outros tempos: emendou alguns logares de Ptolomeu, verificou outros, interpretou e explicou os que tinham escuridade ou haviam sido mal entendidos pelos modernos. Tambem patenteou os erros de Jeronymo Cardano, Copernico, João de Monte Regio e outros escriptores de grande nota nessas materias. Como ampliação e explicação á antecedente obra appareceu alguns annos depois o = *Tratado que ho Doutor Pero Nunes, Cosmographo del Rei Nosso senhor, fez em defensão da carta de marear. Cõ o regimento da altura, dirigido ao muito esclarecido e muito excelente*

*Príncipe ho Iffãnte D. Luys.* = Na dedicatória desta obra tece o nosso geometra tão alto elogio á navegação portugueza comparada com a dos antigos, que a julgamos digna de ser lida por quem se interessa na gloria de Portugal. « Não ha duvida, diz elle, que as navegações deste reino de cem annos a esta parte sam mayores, mais maravilhosas, de mais altas e mais discretas conjecturas que as de nenhũa outra gente no mundo. Os portuguezes ou saram commetter o grande mar oceano. Entraram por elle sem nenhum receo. Descobriram novas ylhas, novas terras, novos mares, novos povos, e cho que mais he, novo ceo e novas estrellas. E perderam-lhe tanto o medo, que nem ha grande quentura da torrada zona, nem o descompassado frio da extrema parte do sul com que os antigos escriptores nos ameaçavam, lhes pôde estorvar que perdendo a estrella do norte e tornando-a a cobrar, descobrindo e passando ho temeroso Cabo da Boa Esperança, ho mar de Ethiopia, de Arabia, de Persia, podessem chegar á India. . . . Ora manifesto he que estes descobrimentos de costas, ylhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar; mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria, que sam as cousas de que os cosmographos ham de andar apercebidos, següdo diz Ptolomeu no primeiro livro da sua geographia. Levavam cartas mui particularmente rumadas: e nam já has de que os antigos usavam, que nam tinham mais figuras dos que doze ventos, e navegavam sem agulha &c. »

O *Tractado = De Crepusculis* = é uma das obras que mais honram o claro engenho de Pedro Nunes, merecendo de Ticho Brahe o louvor de eruditissima. Sahiu á luz em 1542, e foi dedicada a elrei D. João 3.<sup>o</sup> « Se se lesse bem o *Tractado = De Crepusculis* = diz um moderno escriptor portuguez, talvez nos não admirassemos tanto das idéas de Newton sobre a luz e as côres. Escreveu elle esta obra para instrucção do seu discipulo o infante D. Henrique, depois cardeal e rei de Portugal, expondo nella muitas cousas que não tinha achado nos precedentes auctores, e que pareceriam inverosimeis se não houvessem sido descubertas por meio de demonstrações. Sobre o mérito desta obra cumpre ouvir a opinião de um distincto mathematico portuguez, que pelo seu grande saber nestas materias, tem em quanto a nós um voto de grande peso. É este o illustre Francisco de Borja Garção Stockler, depois barão de Villa da Praia, o qual, segundo o eruditissimo A. Ribeiro dos Santos era um: — . . . genio feliz, constante e sabio

Que com possante mão o véu rasgando,  
Que a natura celeste recatáva,  
Descobre ao universo os seus arcanos.

« Em 1542 [ diz elle (\*) ] publicou Pedro Nunes o seu *Tractado dos crepusculos*, obra original que escreveu por occasião de algumas conversações, que tivera sobre pontos de astronomia com o cardeal infante D. Henrique, seu discipulo, a qual no meu conceito, é de todas as que elle compoz a que mais honra faz á sagacidade do seu espirito. — Nella resolveu entre muitas questões curiosas e delicadas o famoso problema do minimo crepusculo, em cuja resolução os dois grandes geometras, João e Jacob Bernouilli acharam tão grandes difficuldades, ainda quando já havia incomparavelmente maior numero de meios para vencê-las, que o primeiro não duvidou confessar havê-la tentado em vão por mui repetidas

(\*) Origem e progresso das mathematicas em Portugal, pag. 31.

vezes, no espaço de cinco annos, bem como a seu illustre irmão havia similhantemente acontecido. — E nesta obra tambem que o nosso geometra deu pela primeira vez idéa de uma elegantissima divisão ou graduação do astrolabio, por meio do qual se podem avaliar as alturas e distancias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento se não achem marcados mais que os grãos, divisão que admite uma simplificação assaz obvia, e com a qual ainda se usa nas alidades de todos os instrumentos astronomicos que servem para medir distancias angulares. Se o auctor desta simplificação foi Pedro Nunes, ou Pedro Vernier, que pela primeira vez a publicou por escripto, é questão que admite argumentos por uma e outra parte; o que porem de nenhuma sorte se póde contestar é que até ha bem poucos annos não havia um só livro de astronomia, nem um só instrumento astronomico em que esta divisão tivesse outro nome senão a de *Nonius*, derivado do appellido de Nunes do nosso geometra; e que ainda quando Vernier fosse sem duvida o inventor da simplificação mencionada, não havia razão bastante para alguns astronomicos modernos entenderem mudar-lhe o nome de *Nonius* em o de *Vernier*; quando a primeira idéa de avaliar as partes menores das marcadas na graduação dos instrumentos é indubitavelmente devida a Pedro Nunes, e mil vezes mais engenhosa do que a segunda, que daquelle se deriva com extrema facilidade.»

A este Tractado, em que Pedro Nunes mostra ter uma profunda erudição e conhecimento das doutrinas dos geometras gregos e latinos, e que fará immortal o seu nome, ajunctou elle a traducção latina do Tractado de *Allazen*, distincto mathematico arabe, bem conhecido pelo que escrevêra sobre a optica e os crepusculos. — Em 1546 publicou Nunes o *Tractado sobre os erros de Oroncio Fineo*, professor de mathematica em Paris, no qual o nosso geometra refutando muitas das doutrinas daquelle auctor lhe mostrou que o seu livro não era mais do que uma collecção de paralogismos, condemnando-o com a força das suas demonstrações a ser reputado um miseravel e allucinado quadrador. — Em 1562 se imprimiu em Veneza uma traducção latina de outra obra de Pedro Nunes, intitulada *Annotações á sphaera de Sacro Bosco*, a qual se presume fossê escripta nos primeiros annos dos seus estudos; e no mesmo anno publicou, entre differentes obras, o seu Tractado de navegação sob o titulo de *Arte atque ratione navigandi*, escripto originalmente em portuguez, vertido depois em latim e consideravelmente ampliado. No primeiro dos dois livros de que consta esta excellente obra coube a Pedro Nunes a gloria de ser o primeiro geometra que começou a desenvolver a theoria das loxodromias, refundindo elle no segundo quanto até alli escrevêra sobre cartas hydrographicas e regimento d'alturas. Inventou o anel graduado com o fim de emendar os defeitos do astrolabio, e deu a idéa da construcção de um novo instrumento horisontal para resolver a altura do sol a qualquer hora do dia. — Mostrou os defeitos das cartas hydrographicas planas, propondo os meios de diminuilos na pratica das derrotas. Finalmente analysou e refutou as doutrinas de mui iusignes mathematicos antigos, taes como João de Monte-Regio, Cardano, Menelan e outros, enriquecendo a sua obra com excellentes notas ácerca de um problema da mechanica de Aristoteles sobre o movimento das embarcações de remos. «*N'uma palavra, diz o citado Stockler, o Tractado de navegação de Pedro Nunes, seria só por si bastante para o acreditar por um dos geometras mais distinctos dos seus tempos.*»

Outra obra que deve ter aqui honroso assento é o livro d'algebra composto por Pedro Nunes, e publicado no anno de 1567 em lingua castelhana com o titulo de — *Livro d'Algebra en Arithmetica, y Geometria, compuesto por el Doctor Pedro Nunes, Cosmographo Mayor del Rei de Portugal, y Cathedratico jubilado en la Cathedra de Mathematicas en la Universidad de Coimbra. En Anvers 1567.* — Este livro é, na opinião de Stockler, o compendio mais methodico, com mais clareza escripto que até áquelles tempo se estampára, sendo na opinião de outro sabio a obra em que Pedro Nunes patenteou os seus altos conhecimentos de algebra ou arithmetica symbolica, então raramente conhecida na Hespanha e outros paizes, e apenas tentada na Italia, aonde começava a fazer alguns progressos.

Taes são, em resumo, as obras que o nosso illustre mathematico compoz, e que chegaram a ver a luz publica por meio da imprensa. As que elle deixou manuscriptas são as seguintes: — «Tractado da geometria dos triangulos sphaeraes — Tractado sobre o astrolabio — Tractado do planispherio geometrico — Tractado da proporção ao livro 5.<sup>o</sup> de Euclides — Tractado da maneira de delinear o globo para uso da arte de navegar — Roteiro do Brasil — e os livros de architectura de Vitruvio, traduzidos e illustrados em linguagem.» —

Eis quanto podêmos alcançar ácerca da pessoa e obras do grande mathematico Pedro Nunes — brilhante lumina da sua idade. Os vastissimos e profundos conhecimentos que elle possuia das sciencias em que muito illustrára o mundo, são tanto mais para admirar, quanto é certo que elle cultivára as mathematicas n'um tempo em que estas começavam a sahir das trévas em que pelo decurso de tantos seculos jazeram, havendo da cosmographia tão escasas noções que os navegantes se dirigiam mais por practica e rumos do que por principios estabelecidos e certos. — Pelo que devemos considerar Pedro Nunes um homem de genio creador e sublime, cujo saber e escriptos derramaram grande cópia de luz, dando mui subida gloria á nação portugueza, da qual fôra um dos maiores ornamentos.

M. T.

#### VICTORIA INSIGNE DE D. LOURENÇO D'ALMEIDA.

CHEGANDO á India o primeiro vice-rei della, D. Francisco d'Almeida, com uma poderosa armada de 22 vellas, produziu nos principes malabares mui to differentes effeitos: — nos amigos confiança e alvoroço, nos contrarios espanto e confusão. Previniu-se todavia o Çamori [como maior entre todos], e para ostentação do seu poder, e em próva de que não temia o nosso, poz no mar uma armada de duzentas e cincoenta vellas, em que entravam sessenta náus de grande força; as outras eram menores, mas umas e outras bem guarnecidas de gente e de todas as munições que servem á guerra, e em especial de artilheria de que já abundavam. Havia por este tempo sahido D. Lourenço d'Almeida com onze vellas, por ordem do vice-rei seu pai, a correr a costa de Calecut, e encontrando-se com a armada do Çamori não duvidou de lhe appresentar batalha. — Ganhou-lhe o barlavento, supprindo de algum modo com esta vantagem a desigualdade do poder. — Começaram-se a servir mutuamente com incessantes cargas de artilheria, de que da parte dos contrarios se accrescentavam as settas, que sobre os nossos cahiam como a chuva das nuvens. — Resolveu D. Lourenço atracar a capitânia inimiga, julgando que vencida a cabeça d'aquelle grande corpo se renderiam facil-

mente as partes delle. Lançou-lhe o arpéu, e juntamente se lançaram dentro cinco homens, mais amantes da honra que da vida. A diligencias dos mouros se desaferrou a nossa náu, e levada das ondas correu um largo espaço. Entretanto ficaram os cinco portuguezes sustentando o peso de mais de quatrocentos mouros, que como cães raivosos e famintos pertendiam devorar a presa que julgavam sua. Mas os cinco valorosos soldados [benemeritos da fama immortal] feitos em um corpo, com as costas no castello da prôa, se defendiam, e offendiam ás lançadas com tanta firmeza e constancia que deram tempo a que D. Lourenço á custa de grande fadiga e trabalho arribasse outra vez sobre a náu: e lançando-lhe segunda vez o arpéu entrou nella em pessoa, e seguido de illustres cavalleiros e valorosos soldados carregaram impetuosamente os inimigos. Ao mesmo tempo pugnavam as outras náus por darem socorro á sua capitânia, e as nossas por lh'o impedirem. —

Para cada uma destas havia das outras mais de vinte. Fervia em toda a peleja um ardentissimo fervor. Os golpes de ferro, os relampagos do fogo, as nuvens de fumo, as vozes desentoadas e roucas, o som marcial das trombetas, o combate das embarcações que chocavam impellidas das ondas, o zunido das settas e das ballas, tudo formava igualmente ao coração e aos olhos uma confusão horrivel e medonha; — até que rendida a capitânia, destroçadas e mettidas no fundo muitas vellas inimigas, rendidas outras entregues ao fogo, nos deixaram os inimigos a victoria nas mãos, que foi uma das mais gloriosas que as nossas armas conseguiram no oriente. E para que se visse que mais obrára neste caso a protecção do Senhor dos exercitos que a força humana, não custou mais que a vida de seis portuguezes esta grande victoria, succedida a 18 de Março de 1506.

(Ann. Hist.)



Tres são as seitas religiosas na China; e os livros canonicos de todas ellas provam que os chins tem idéa de um Ente Supremo, creador e conservador de todas as cousas; porem o geral do povo, á imitação dos idolatras antigos e modernos, reconhece um grande numero de deuses ou espiritos subalternos, que adora em templos especiaes. —

A nação chim divide as suas divindades em tres classes: fórma a primeira o Ente Supremo, com o nome de Fo ou Foe, que significa salvador; representam-no todo radiante, e com as mãos escondidas, para denotar que o seu poder obra tudo invisivelmente no mundo: tambem ás vezes o figuram como dragão alado, cuberto d'uma concha de tartaruga: á sua direita e á sua esquerda collocam os dois legisladores, Confucio e Lanzú ou Loakú, ambos como restauradores da religião do imperio (1). Os deuses da segunda classe são os filhos de Ki-to, o deus da

(1) E' esta uma especie de trindade chim: quanto á trindade da India oriental veja-se a pag. 189 do 1.º vol.

guerra, que subjugaram a terra e ensinaram aos mortaes as regras de combater. A terceira classe compõe-se de genios, que dispõem de todas as cousas sublunares, aquateis, terrestres, ou ígneas: por setenta e dois espiritos ou intelligencias se reparte o governo do céu e da terra. Os dragões, que são as armas do imperio, entram tambem no culto supersticioso dos chins: attribuem-lhes poder sobre todos os bens da terra, e dizem que reinam particularmente nas montanhas.

Lanzú ou Loakú, que viveu 50 annos antes de Confucio, introduziu uma seita, que affirmam possuir a virtude d'afugentar os espiritos maleficos, de deitar sortes, predizer o futuro, em summa que se exercita em muitas obras de feitiçaria; a sua moral, parecida ao epicurismo, causou grandes desordens na religião. Os doutores desta seita, vendo quanto o povo a favorecia, multiplicaram-se infinitamente, grangearam o nome de *celestiaes*, obtiveram casas para viver em communidade, e mandaram erigir á

memoria do seu fundador templos, onde o reverenciam com honras divinas. Mais para diante, Confucio alcançou, depois da sua morte, igual veneração. Confucio, chamado o principe dos philosophos, tomou a tarefa de restaurar a religião e purificar a moral; ora ministro d'um rei tributario ao imperador, ora pobre e fugitivo, sempre manifestou a mesma sabedoria e a mesma virtude, tanto na grandeza, como na decadencia. Para propagar e estabelecer a sua moral, escreveu livros, que da mesma maneira que o seu nome são muito reverenciados na China. No primeiro ensina elle o como para apprender a governar é necessario que a pessoa trabalhe de continuo por se emendar e aperfeiçoar: no segundo prova que o homem deve obediencia á virtude, a qual provem de Deus; define a natureza humana e as suas paixões; aconselha a fortaleza de animo, a prudencia, a piedade e o amor filial, como os meios de chegar ao maior gráu possível de virtude. O terceiro é uma collecção de maximas moraes comparaveis a tudo quanto mais excellente nos deixou neste ponto a antiguidade; o philosopho chim recommenda nesta obra o perdão das injurias, a memoria dos beneficios, a amizade, a humildade. O quarto livro appresenta a idéa d'um governo perfeito.

Voga na China uma tradição, em que se funda a introdução dos idolos de Fo. Querem que, certo dia, louvando alguém a Confucio a sua philosophia e o modo porque a praticava, recusou o philosopho modestamente os encomios, dizendo que ainda distava muito da perfeita virtude; e que para o occidente se encontraria o mais santo dos homens. Os missionarios, que referiram esta tradição, pensam que aquellas palavras alludem á vinda do Messias. Não podemos concordar nesta opinião, por quanto seria em certo modo attribuir dom prophético a Confucio, que viveu, segundo se tem podido computar no meio do labyrintho da chronologia chim, pelos annos de 500 a 600 antes de J. C. — Conta-se mais que tamanha impressão fizera aquelle dito que o imperador Mimt, tendo um sonho em que se lhe afigurou ver um homem santo, que procedia do oriente, equipou uma frota que mandou puzesse a prôa a oeste em demanda do homem sonhado, e que ou o trouxesse, ou a sua imagem e escriptos: os da expedição não ousaram aventurar-se alem d'um ilhéu no Mar-vermelho, onde acharam a estatua de Fo, cujas doutrinas corriam espalhadas pela India, tresentos annos antes de nascer Confucio: trasladaram-na para a China, e com ella a doutrina da metempsychose ou transmigração das almas, e muitas crenças indiaticas. Os discipulos de Confucio opposeram-se vivamente á introdução destes idolos; mas foram baldados os seus esforços, não houve remedio senão ceder á torrente; a saã moral e a religião espiritualista se corromperam de novo e quasi desapareceram afogadas nas praticas idólatras e supersticiosas introduzidas com o culto de Fo.

Na China não ha religião dominante, nem culto assalariado pelo estado: o imperador, os mandarins, o povo pertencem indifferentemente a varias scitas. O imperador reinante, que descende dos tartaros mantchús, reconhece a auctoridade religiosa do dalai-lamà, que é uma especie de idolo vivo, porque o principe deste nome, que reinou no Thibet, passa por immortal, e é tido por successor e vigario do deus Fo. Os sacerdotes educam sempre um lamà novo, designado secretamente para succeder ao soberano pontifice, quando cessa de existir aquelle que é reputado immortal. O imperador sustenta magnificamente no seu palacio em Pekim o embaixador do dalai-lamà.

Os bonzos são os padres da seita de Fo: fazem como os indostanicos grandes e terriveis penitencias para merecerem a publica commiseração e caridade, mas por outro lado vivem ás vezes escandalosamente. Ha muitas ordens de padres que se distinguem pelo traje, na côr e fórma; todos são obrigados ao celibato, em quanto vivem conventualmente; mas podem sahir quando bem lhes pareça: são pelo ordinario de inferior classe, porque os nobres e os ricos não fazem apreço de ver seus filhos consagrados ao serviço do altar; de forma que os padres, restringidos ao celibato, compram os noviços aos infelizes a quem a horrivel necessidade constringe a vender seus filhos. Os prégadores escolhem commummente os textos de seus sermões na moral de Confucio, ou de outro philosopho chamado Tandino, quasi tão antigo como aquelle, porem mais ignorado. A cada templo está juncto um claustro, que recebe pensão do imperador para mantença dos bonzos e noviços; porem o que lhes rende mais é o uso em que estão de alojar os viajantes e lhes offerecerem chá e doces, de que são pagos com largueza.

Celebram os chins varias festas na roda do anno, porem de todas a mais singular e curiosa é a dos lampiões ou lanternas, no dia quinze do mez primeiro. Por todas as cidades, nas embarcações e pelas margens dos rios, nos postos militares, nas fronteiras dos pagodes, accendem-se lampiões de mui variados tamanhos e fórmas, pendurados de cordões de seda, com capas ou globos de côres e figuras diversas. As capas ou balões dos que adornam os edificios são de garça de seda pintada, ou bordada á agulha: e as dos outros são de chavelho, mas tão polido e transparente que parece vidro; as maiores tem uns tres palmos de diametro. Todavia os opulentos mandam construir umas como barracas de 25 até 50 pés de diametro, que são de muito custo, e servem de camaras, onde recebem visitas, e ha danças e se representam comedias: alumiam-nas por fóra e por dentro com luminarias multi-côres. Os rapazes vagueam de uma banda para a outra com fachos, que fazem notavel effeito. As mais brilhantes illuminações de festejos publicos na Europa não podem dar a menor idéa desta solemnidade chim: a origem della conta-se segundo duas tradições, por dois differentes modos. Conforme uma, a filha de certo mandarim, passeando á beira d'um rio, cahiu na agua e affogou-se: o pai afflicto correu com toda a sua gente para a poder achar, mandou para o mar infinidade de pessoas munidas de lanternas; e os habitantes daquelles sitios, que o veneravam, acudiram com archotes accesos. Debalde procuraram toda a noite; não teve o mandarim outra consolação senão ver o desvelo do povo e a parte que este tomava no seu sentimento. No anno seguinte, e nos successivos, no anniversario daquelle acontecimento, acudiram todos á praia com lampiões e fachos, e assim se perpetuou uma cerimonia, que se espalhou pelo imperio. — Outros ha que attribuem esta festividade ao extravagante designio de certo monarcha da China, a quem lembrou eucerrar-se com suas mulheres n'um soberbo palacio, que expressamente mandou construir e illuminar com lampiões magnificos, para gosar as delicias de viver como n'um paraíso, sempre allumiado e sereno, em que de todo lhe esquecesse o mundo. Com taes desvarios amotinou-se o povo contra o soberano: e o resultado foi arrasarem-lhe o palacio; e para conservar na posteridade a memoria de tão indigno procedimento se dependuram todos os annos aquelles innumeraveis lampiões por todos os bairros da cidade.

Outra funcção, que fazem no principio de Junho não é menos curiosa. Cada morador enfeita a sua

easa com ramagens; vão todos ao mar em barcas, vogando d'uma parte para a outra em busca d'um tal *Féto*: dizem que esta personagem é quem descobriu e ensinou o prestimo do sal; e como os seus compatriotas lhe não souberam agradecer, retirou-se tão agastado contra os ingratos que nunca mais houve notícias suas.

A extrema superstição do povo o encaminha frequentemente aos pagodes a consultar os idolos, quando querem emprehender qualquer cousa d'importancia. Para casar, para fazer uma viagem, para concluir um ajuste ou contracto, &c., recorrem sempre a essas consultas, como os gregos pagãos aos oráculos dos seus falsos numes. Para esta cerimonia ha muitos methodos: o mais vulgar é o seguinte. Atiram ao ar com um pedaço de pau, que tem muitas facetas, como quem deita um dado; em cada uma das facetas ha sua marca differente; quando cahe no chão examina-se a marca que ficou para cima, e o bonzo vai ver no livro dos destinos o auspicio correspondente a essa marca. Se ao primeiro lanço o resultado é favoravel aos desejos do consultante, prostra-se agradecido na presença do idolo; se, ao contrario, a sorte sahe desfavoravel, torna a começar a consulta; e só a terceira experiencia é a decisiva. Alem destas usam os chins muitas superstições ridiculas, que por não estender o artigo ommittiremos agora.

#### DAS NATURAES TENDENCIAS DA FUTURA LITTERATURA BRASILIENSE.

Em quanto o Brasil esteve ligado a Portugal, a sua litteratura foi essencialmente europea, para o que contribuiam duas causas: — a identidade de habitos e de linguagem; e outra, não menos influente, a identidade de estudos. Para o continente europeu se dirigiam as ambições dos raros homens, que n'um paiz inteiramente commercial se dedicavam ao tracto das musas: em a nossa terra campeava quasi sem rival, como nas mais nações cultas, o gosto classico, isto é, a imitação dos escriptores gregos e romanos, e dos aduladores de Luiz 14.<sup>o</sup> de França, que haviam tomado aquelles por inalteraveis modelos. Alem disso os mancebos estudiosos, deixando em annos ainda verdes o solo natal, deslumbrados com o fausto das côrtes para onde se trasladavam, esqueciam-se da natureza especial do clima, onde abriram os olhos á luz do dia; já não eram os habitantes do Novo-Mundo, que frequentavam diariamente scenas e objectos tão diversos dos que vemos neste reino e pelos mais da Europa; as suas inspirações eram, para assim o dizermos, facticias, e tanto mais que os exemplos e os preceitos litterarios, proprios da epocha passada, os sopeavam; e os vãos da sua imaginação restringiam-se; e mal podiam descrever o que mal tinham visto, nem ousariam fazer, ainda que lhes sobrasse a vontade. Daqui provém a falta de originalidade nos primeiros poetas brasileiros, e as feições das suas obras, aliás estimaveis, inteiramente delineadas á europea. Apenas o P.<sup>o</sup> Durão no *Caramurú*, e José Basilio no *Uruguay*, se affastaram um pouco desta geral tendencia. Um distincto poeta nosso, mal avaliado hoje em rasão de alguns preconceitos que não queremos revelar, soube conhecer e aproveitar algumas das scenas naturaes da America: Antonio Diniz da Cruz e Silva mostra nas suas metamorphoses genio inventivo e merito não vulgar. Citaremos a este respeito um escriptor estrangeiro, porque nos apraz contrabalançar com o testemunho de auctores intelligentes, e conhecidos na republica das lettras, os

improperios de outros, igualmente estranhos, que ou fallaram com intenção deliberada de nos deprimir, ou não curaram da verdade do que diziam. O Sr. Ferdinand Denis, que muito seguiremos no presente discurso, e a quem deve tanto a litteratura portugueza, explica-se do seguinte modo ácerca das metamorphoses brasilicas, cantadas pelo auctor do *Hyssope*. — « Observa-se que, viajando por aquelles climas, quiz elle caminhar pelos vestigios de Ovidio: não segue porem o seu modelo nas ficções mythologicas. O diamante e o topazio, tejuca, clície ou a rosa das selvas, lhe ministraram fabulas agradaveis: esta flôr tão bem descripta pelo P.<sup>o</sup> Durão, e que muda de côr segundo as horas do dia, abria campo a engenhosos pensamentos. » — Nas modernas *poesias de um bahiano*, em dois tominhos, já se encontram alguns toques nacionaes; o auctor é conhecido e estimado pelos seus compatriotas, pois que algumas de suas anacreonticas são tão populares que se cantam tanto nas cidades como nos campos. Outros engenhos poeticos se tem ultimamente manifestado no imperio do Brasil, e nos consta que giram impressas no Rio de Janeiro algumas composições de seus naturaes, assim como sabemos da publicação de uma escolha de poesias com o titulo de *Parnaso brasileiro*: sentimos porem não as ter visto pela raridade das obras brasilicas no continente, que se não encontram á venda, e apenas difficilmente se alcança um exemplar, que por acaso ou para uso proprio trouxe algum curioso. Resulta daqui serem desconhecidos entre nós escriptos importantes e estimaveis; e para prova disto diremos que ainda ha pouco tempo nos vieram á mão os Annaes do Rio de Janeiro pelo Dr. Balthasar da Silva Lisboa, apesar de ser uma obra volumosa, impressa de 1834 a 1835. As despezas typographicas, muito mais caras na capital do Brasil do que em a nossa, dão preço subido aos livros, e talvez seja esta carestia a rasão principal porque os especuladores se deixam de negociar com ellas. Comtudo, ainda que motive admiração semelhante escacez dos escriptores vulgarizados entre um povo irmão, e que falla o mesmo idioma, mais é para causar assombro a falta que em Lisboa se experimenta dos livros de um povo limítrophe e cuja linguagem é para nós tão perceptível, fallamos dos hespanhoes; as obras desta nação, que mais facilmente adquirimos, são as que seus auctores fizeram imprimir em Paris; e [cousa singular!] desconhecemos a pluralidade dos livros que estão sahindo dos prelos d'Hespanha.

A povoação brasileira, portugueza d'origem, vive n'um clima fecundo em inspirações, que o Sr. Ferdinand Denis desenvolveu n'uma obra especial (1): como todos os povos meridionaes, é dotada de viveza de imaginação, e os talentos que a honram teem grande queda para a poesia: o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Villela Barbosa casou as mathematicas com as amenas musas, e cantou a *Primavera* do seu paiz (2). Houve tempos em que nesta região pouco desvelo mereciam as lettras; mas ha dois seculos que tem sido mais cultivadas e produzido por vezes sezonados fructos: todavia os seus engenhos litterarios teem vestido demasiadamente á europea as suas composições: outro tanto vemos porem que fizeram os escriptores dos Estados-Unidos da America do Norte, que tomaram por typos as obras de seus coirmãos da Graã-Bretanha, e só depois de Cooper se resgataram mais da imitação, cobrando a originalidade propria do solo natalicio. Com effeito, ao dizer do illustre ba-

(1) *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie.*

(2) *Memorias da Academ. in folio.*

rão d'Humboldt, é indubitavel que o clima, a configuração do terreno, a physionomia dos vegetaes, o aspecto da natureza ou aprazível ou bravia, influem no progresso das artes e no estilo que distingue as producções destas. Os americanos devem procurar na historia, nas scenas da região que habitam, os quadros, os similes, as imagens, para compor ou adornar os seus escriptos, assim como os talentos europeus nossos contemporaneos vão buscar aos factos, ás tradições da idade média, á origem e progresso successivo das respectivas nações modernas, os fundamentos de suas composições. A litteratura do Novo-Mundo deve appresentar pensamentos novos como elle, singulares como a natureza que tem patente aos olhos.

Não faltam tradições á America, nem acontecimentos estupendos, dos tempos da sua povoação por habitantes do antigo continente; os povos selvagens que estes aniquilaram, lhes ministrarão fabulas mysteriosas, uma especie de mythologia, mais interessante e aprazível que a grega e romana, já muito vulgar e fastidiosa; os costumes extravagantes, as crenças, as virtudes selvagens, ou a ferocidade das tribus, filhas das selvas sertanejas, e que ainda hoje nellas se acoutam, as suas proezas bellicasas e cantos guerreiros, os seus sacrificios e as ceremonias funebres, são fontes do *maravilhoso*, tão necessario á poesia; e não menos o são os espectaculos e scenas naturaes, privativas daquella região, e a força incomprehensivel da natureza, que alli varía incessantemente os seus phenomenos.

Por outro lado o heroismo e o espirito cavalleiroso e aventureiro da idade média reproduz-se d'algum modo nas jornadas dos primeiros exploradores, que se entranhavam por mattos virgens, luctando audazmente contra animaes desconhecidos, e visitando nações que os podiam destruir. Verdade é que tantos esforços tinham por alvo o alcançar ouro; mas nem ainda assim se lhes póde negar uma certa gloria; e a poesia póde lançar mão dessas dilatadas excursões para interessantes quadros.

Se attendermos aos accessorios das composições litterarias, como ha-de o americano empregar as comparações de que usámos, extrahidas da natureza, que os talentos de tamanha successão de seculos observaram e tem quasi esgotado? Experimentará porventura nas suas florestas intactas as mesmas impressões, que nós sentimos nos bosques de continuo desbastados pelo ferro do lenhador? A variedade de animaes, que divagam pelos campos em plena liberdade, a das plantas de exquisitas fórmulas e singulares propriedades, e que brotam do solo espontaneas; em summa, os accidentes de um terreno, talhado e vestido tão diversamente do nosso, não lhe deverão inspirar similes e analogias, que tenham o sello da agradável novidade? — Se os poetas americanos comprehenderem bem as vantagens que o seu paiz lhe offerece, acharão um manancial inexgotavel, sem precisarem mendigar enfeites alheios.

#### GRATIDÃO.

A GRATIDÃO é um sentimento que nasce espontaneamente nos corações bem formados, e pelo qual o homem deseja ardentemente retribuir ao seu protector os beneficios que d'elle recebêra.

Sendo a gratidão uma das mais raras virtudes, e por consequencia mui difficil de encontrar, não falta, todavia, quem julgue possui-la. Nada offende tanto o amor proprio de algumas pessoas como a accusação de ingratas. A ninguem é estranha a fealdade deste crime, porem nem todos sabem que a gratidão não consiste só em meros e transitorios agradecimentos, mas em factos que provêm que somos reconhecidos — não em palavras melifluas e lisongeiras, mas n'um procedimento constantemente grato.

É a Deus a quem devemos patentear a maior gratidão. É nosso creador, conservador e protector: é senhor do ar que nos dá vida e da terra que pisamos, e provê-nos alem disso de quanto possuímos e gosamos no mundo. O seu immenso poder e bondade nos conserva a saude e nos levanta sãos do leito da dor e da amargura. Podêmos, é verdade, attribuir todas as prosperidades e bens que possuímos á nossa propria sabedoria e industria; no entanto cumpre observar, que em vão procuraríamos esses bens se Deus não coadjuvasse nossos esforços, porque até a sabedoria e a habilidade são obra da sua beneficencia. Quão negligentes somos no cumprimento dos devêres para com o pai celeste! Os homens que veem em Deus o dador de quanto gozam, julgam, pela maior parte, que basta para se lhe mostrarem gratos e reconhecidos resarem algumas orações, assistirem a certos actos e ceremonias religiosas, darem uma ou outra esmola, e comportarem-se no mundo com decencia e dignidade. — Mortal engano! — Que adequado reconhecimento se lhe póde mostrar por merecês de tanto valor e por favores tão importantes? — Ainda que o homem só praticasse na vida actos de perfeita obediencia á lei de Deus, essa próva de gratidão em nada augmentaria a gloria do mesmo Deus, vindo por tanto a ser fraca compensação dos beneficios recebidos. E á vista do que levámos dito, onde está o valor de certos actos puramente externos em que não tem o coração a menor parte? Roguem-lhe pois que nos inspire sentimentos mediante os quaes lhe sejam acceitos os nossos pequenos serviços.

Depois de Deus é a nossos pais a quem devemos maior gratidão. Devemos-lhe a existencia e todos os carinhos e cuidados com que nos tractam durante a infancia, e alem disso a protecção e abrigo que sempre nos prestaram. E que recompensa aguardam elles de tantos extremos, afflicções e despezas, ou para nos educarem ou em objectos tendentes ao nosso bem? Somente exigem obediencia e cumprimento dos deveres filiaes em quanto somos jovens, e attenção respeitosa quando nos não são já necesarios os seus cuidados. Algumas vezes são os filhos obrigados a mostrarem a sua gratidão amparando seus decrepitos pais, a quem a desgraça e velhice tirou os meios de subsistencia. Se a fortuna tem dado áquelles os meios necesarios para praticarem tão grande bem, muito felizes devem elles considerar-se por se lhes proporcionar occasião de patentear a sua gratidão filial, provando-a, não com palavras mas por obras. Tão detestavel é a ingratitude para com os pais, que quasi todos os filhos reconhecem que um dos seus primeiros deveres é condemna-la, despresando os que de tão feio crime se tornam réus. Um homem a quem fallecêra sua mulher, ficou só com seu filho que educára com o maior desvelo e carinho, cedendo-lhe todos os bens para facilitar-lhe um casamento vantajoso, e propondo-se a viver na companhia d'elle e de sua mulher a fim de testemunhar a mutua felicidade de ambos. Viveu contente por algum tempo; mas augmentando-se áquella a familia em tempo proprio, toda a attenção dos conjuges se voltou para o recém-nascido, sem que nenhuma prestassem a seu velho pai. Decorrendo alguns annos ordenou-se a este que só fumasse o seu charuto na cosinha, sendo-lhe mudada a cama para umas aguas-furtadas das casas. As desattensões e despresos seguiam-se sem interrupção,

até que o bom do velho resolveu pôr termo ao vil procedimento do desnaturado filho, e lhe participou que ia mudar de habitação, só confiado na bondade da Providencia. — Esta communicação foi recebida ante uma esplendida assemblea que o filho usualmente recebia, o qual acabando de lêr a carta disse ao seu mais velho, de sete annos d'idade, que fosse dar ao avô uma manta que o preservasse do rigor da estação. A esta determinação replicou a creança que só lhe daria metade da mesma manta. — Porque? lhe perguntou elle admirado. — Porque quero guardar a outra metade para vo-la dar quando eu fór homem e vos expulsar de minha casa! Esta innocente reflexão tocou na alma do ingrato filho, mostrando-lhe a indignidade e crueza do seu procedimento. Dirige-se sem detença a seu pai, lança-se-lhe aos pés, implora-lhe com lagrimas o perdão, e introduzindo-o na salla, diante da brilhante sociedade que alli se achava reunida, confessou a sua culpa, promettendo apagar por todos os modos os vestigios de tanta ingratitude.

As pessoas em quem nossos pais delegam o poder de educar-nos, e de esclarecer-nos o espirito por meio da sabedoria, devem ser o objecto da nossa gratidão. É de presumir que houvesse o maior cuidado na escolha dos encarregados desse mister; e como estes pela sua situação exercitam deveres de pai, tambem, pelo mesmo motivo, teem jus ás attensões e respeito filiaes. — No entanto, a maior parte das vezes succede o contrario. O seu zêlo e esforços no desempenho do encargo que se lhes commetteu, é frequentemente retribuido com o enfado e negligencia: — as regras que estabelecem para a educação dos pupillos são desprezadas e illudidas em qualquer occasião opportuna; e quando chega a epocha em que aquelles se emancipam da tutoria dos mestres, bem longe de mostrarem pena neste apartamento, exultam, sem o menor rebugo, por se verem livres do que elles chamam odiosa escravidão. Felizmente encontram-se mancebos, que conhecendo perfeitamente os seus deveres para com os mestres que os educam, não perdem a menor occasião de se lhes mostrarem gratos e attenciosos, retribuindo deste modo obrigações que por meios pecuniarios não podem ser condignamente pagas.

Tambem devemos gratidão e respeito aos ministros da religião, que nos dirigem pelo caminho do bem, tanto com o exemplo como por meio de salutaes admoestações, mostrando neste empenho o zêlo de irmãos e de verdadeiros amigos. O homem que acompanha a doutrina, que préga, de regularidade de procedimento, de doçura de temperamento, e de polidez de maneiras, tendo alem disso firmeza para castigar os máus, e methodo para animar os bons e dirigir-lhes as inclinações, deve ser considerado, abaixo de Deus, o nosso pai espirital, merecendo por tanto respeito e amizade. Os amigos, a quem tal nome póde verdadeiramente quadrar, tambem tem jus á pura gratidão. Já se vê que não entram nesta conta os individuos com quem travamos relações casuaes, nem os que nos lisongeiam para obterem os nossos favores: — fallámos tão sómente de pessoas que pelo seu extremo e desinteressado amor se fazem dignas de tão suave titulo.

#### GUELPHOS E Ghibellinos, e um facto notavel.

Dois grandes partidos politicos dividiram e alborotaram a Italia e Alemanha durante a idade média. Nasceram das rivalidades de dois pretendentes ao throno imperial, Conrado, duque de Franconia, e Hen-

rique o Leão, duque de Saxonia; e tomaram os nomes das palavras dadas para *senha* nos respectivos acampamentos, na batalha que entre si pelejaram junto a Winsberg, na Suabia. Welf, tio do mancebo Henrique, seguia a parte de seu sobrinho, e o seu nome, que os italianos [e nós á sua imitação] converteram em *guelpho*, foi dado para senha ao seu bando; e o contrario tomou o nome de Weiblingen, cidade de Wurtemberg, séde patrimonial da familia de Hohenstauffen, a que pertencia Conrado (\*); o sobredito vocabulo italianisou-se passando para *ghibellino*. Com o decurso dos tempos poz-se a aleunha de *guelphos* a todos os que eram desaffeitados ao imperador, e a de *ghibellinos* aos mantenedores da auctoridade imperial: dos primeiros vieram a ser os cabeças os papas em suas repetidas contendas com o imperio; e as cidades italianas se repartiram em bandos adherentes ou aos pontifices ou ao imperio. Desviando-se os imperadores das contendas na Italia, perderam aquellas denominações o seu original sentido, e os italianos as adoptaram para designar os seguidores de opiniões encontradas relativamente ao regimen dos estados: *guelpho* designava ordinariamente o fautor da fórma popular de governo, todavia caudilhos houve deste bando que n'algumas cidades tyrannisaram os seus compatriotas: *ghibellino* indicava o partidista da aristocracia, porem algumas vezes, como na republica de Genova, os *ghibellinos* constituíam o partido popular. Extinctas as republicas italianas, aquellas alcunhas ficaram reduzidas a méras sombras tradicionaes. —

Em tempo do imperador Conrado aconteceu um facto celebre, que traz Mill na *Historia da Cavallaria*. O monarcha sobremaneira irritado recusou toda e qualquer capitulação á guarnição de Winsberg, mas como cortez cavalleiro, permittiu que as mulheres sahisses livremente com os objectos preciosos, que podessem transportar. Abriram-se a seu tempo as portas da cidade e sahiu uma longa procissão de mulheres, cada uma trazendo ás costas ou o pai, ou o marido, ou o irmão, e assim atravessaram com segurança o acampamento inimigo em meio de applausos, resgatando os seus parentes da morte inevitavel, a que a colera do vencedor os condemnava.

O MAIS desinteressado, e mais nobre tratado de paz de que a historia faz menção, é o que se concluiu entre Gelon, rei de Syracusa, e os carthaginezes: immolavam estes victimas humanas nos sacrificios: Gelon vencedor poz como condição essencial da paz a abolição de tão detestavel uso. Condição vantajosa para os vencidos, e estipulação contratada a favor da humanidade!

#### ERRATA.

N.º 192 pag. 16 deste vol. col. 1.ª — Jeronimo 8.º — lea-se Innocencio 8.º

*Ibidem* dita pag. e col. lin. 2.ª — a de Samsão — lea-se — a de S. Sansão.

N.º 212 pag. 163 col. 1.ª v.º 50 — correntes — lea-se torrentes.

N.º 213 pag. 170 col. 2.ª v.º 50 — Aonde o sol brincava — lea-se o sol brilhava.

D.º N.º pag. 171 col. 1.ª v.º 16 — Não brincais — lea-se — Não brilhareis.

*Ibidem* col. 2.ª v.º 40 —

O sol, de pouco nado — lea-se —

O sol, de instantes nado.

(\*) Conrado, o 3.º do nome, que reinou na primeira metade do seculo duodecimo.